Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural

Collective Memory and Photographic Images: Elaboration of the Experience in a Traditional Rural Community

Renata Amaral Araújo
Miguel Mahfoud
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo
Por ocasião de uma exposição fotográfica realizada na comunidade rural de Morro Vermelho (Caeté-MG / Brasil), retratando momentos das festas mais tradicionais e do cotidiano de seus moradores, coletamos depoimentos sobre as impressões destes ao observarem as fotos. Selecionamos trechos referentes ao processo de memória coletiva e os submetemos à análise fenomenológica. Enfocamos o trabalho da memória como sendo, essencialmente, de elaboração da experiência. Pudemos acompanhar a dinâmica do trabalho da memória e explicitar um campo de possibilidades de significados elaborados pelos sujeitos naquele contexto cultural específico. Pudemos apreender as estruturas da experiência juntamente ao significado afirmado a partir da identificação das seguintes modalidades de elaboração da experiência: a) apreciações, b) elaboração da experiência com referência coletiva, c) elaboração da experiência com referência pessoal.

Palavras-Chave: memória coletiva; comunidade tradicional; fenomenologia social; fotografia.

Abstract
On the occasion of a photo exhibit that took place in the rural community of Morro Vermelho (Caeté-MG), which portrayed moments of the most traditional feasts and also scenes of everyday life of the inhabitants of this community, testimonies were collected regarding the impression of these inhabitants on observing the photos. We selected excerpts that referred to the process of collective memory and submitted them to a phenomenological analysis. We focused on the work of memory as being, essentially, the elaboration of experience. We could follow the dynamic of the work of memory and to make explicit a field of possibilities of meanings elaborated by the subjects of that specific cultural context. We could grasp the structures of experience in what it refers to meaning, affirmed from the identification of the following modalities of the elaborations of experience: a) appreciations, b) elaboration of experience with collective reference, c) elaboration of experience with personal reference.

Keywords: collective memory; traditional community; phenomenology; photography.

Introdução

Nesse artigo encontraremos elaborações de moradores de uma comunidade rural tradicional - Morro Vermelho (Caeté-MG / Brasil) - acerca de suas impressões sobre

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

imagens fotográficas que retratam seu cotidiano em uma exposição de fotos. Essa comunidade, com cerca de 800 habitantes, localizada a 80 quilômetros de Belo Horizonte, realiza algumas festas populares mantidas por tradição oral: por exemplo, a Encomendação das Almas e a Cavalhada (Mahfoud, 1999; Mahfoud e Ribeiro, 1998), ambas de origem medieval; além da Festa de Nossa Senhora de Nazareth (Mahfoud e Ribeiro, 1999) e da Semana Santa, também de procedência medieval; através das quais continuam realizando o trabalho de memória coletiva.

Primeiramente, procuramos descrever sucintamente em que contexto aconteceu a exposição fotográfica e o campo de interesses que nos despertou para o estudo da memória coletiva. A maneira como abordamos o uso da fotografia é o ponto que se segue; com o objetivo de compreender como esse recurso visual auxilia no processo de rememoração. Dando prosseguimento, buscamos explicitar mais o conceito de "memória coletiva" em Halbwachs (1990), com a finalidade de compreender a relação entre os significados apreendidos no impacto com as fotos, o ato de lembrar e a elaboração da experiência, no momento presente. Uma exposição dos passos propostos pelo método fenomenológico constitui-se na etapa seguinte possibilitando ao leitor apreender, teoricamente, como a análise dos depoimentos foi realizada. Logo depois apresentamos as categorias e os resultados da análise, segundo o objetivo do trabalho, seguidas de algumas conclusões, respeitando o percurso do trabalho.

Sobre a exposição fotográfica e o objetivo do trabalho

A partir do registro fotográfico dos momentos que marcam a cultura local, como a Festa de Nossa Senhora de Nazareth, a Cavalhada, a Semana Santa, a Encomendação das Almas, bem como a característica vida comunitária na escola, na igreja, nas casas e ruas, efetuado como desenvolvimento de um projeto de pesquisa (1), realizou-se junto com os moradores da comunidade rural de Morro Vermelho uma exposição de fotos, de autoria da fotógrafa Kika Antunes, na casa paroquial, centro da vida comunitária local, em julho de 1998.

A equipe de pesquisadores realizava as entrevistas pedindo às pessoas que visitavam a exposição para falarem sobre o impacto que estavam vivenciando ao observarem as fotos: o que estavam sentindo, de qual foto mais gostavam e por quê. As perguntas eram formuladas buscando obter descrições da experiência. Assim, pudemos identificar nesse trabalho o significado associado à emoção causada por uma determinada foto, a crítica realizada a uma outra, o maravilhamento diante do retrato de Nossa Senhora de Nazareth, o estupor diante das fotos da cavalhada, o estranhamento de se ver em uma foto, a surpresa de se reconhecer fazendo parte daquele povo.

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Empregando o recurso fotográfico como um instrumento de registro de momentos significativos, com considerável relevância no processo de rememoração, o presente artigo utilizou depoimentos dos moradores dessa comunidade rural tradicional acerca de suas impressões ao observarem algumas fotos por ocasião dessa exposição fotográfica. Nosso intuito era examinar o trabalho da memória e a afirmação de significados que marcam a história pessoal e coletiva.

Não nos ativemos à aptidão e leitura visual do sujeito observador acerca da imagem fotográfica, mas procuramos descrever como através da observação das fotos se deu o trabalho da memória coletiva para os moradores dessa comunidade rural tradicional. Não discutimos, sobretudo, como a fotografia se relaciona com a realidade, compreendendo não ser esse um campo de competência da Psicologia Social Fenomenológica. Também não procuramos ressaltar na análise dos depoimentos o valor do recurso fotográfico nos processos de registro e transmissão do passado, mas tratamos de observar como os sujeitos transformavam as impressões provocadas pelas fotos em "textos" memorizáveis.

Sobre o uso da fotografia

O estudo da imagem iconográfica vem crescendo vertiginosamente, em conseqüência de sua grande presença em nossas orientações cotidianas na atualidade. Mas, nem sempre teve um lugar privilegiado nos estudos acadêmicos. Embora seja uma rica fonte de transmissão de significados culturais e comportamentais, o registro imagético, pela ambigüidade e pelas dificuldades de suas leituras, ficou relegado a um plano dispensável em relação à primazia do "texto verbal", que, no ocidente modernizado, tornou-se a forma máxima de expressão do conhecimento. No entanto, a importância metafórica do "texto visual" começa a ser redescoberta como "forma tradicional e oral de comunicação, cuja leitura está a exigir o que se poderia chamar metaforicamente de alfabetização" (Moreira Leite, 1998, p. 39).

Um outro aspecto importante acerca do notório valor do recurso fotográfico em nosso cotidiano é acenado por von Simson (1998): o surgimento do registro fotográfico e posterior "democratização" de máquinas fotográficas - que se tornaram acessíveis à população, pelos preços módicos e pelos modelos de operação simples -, possibilitou o registro fácil e rápido de momentos da vida pessoal e coletiva. Com isso, a imagem vem ocupando, atualmente, um lugar de registro dessas situações preponderante em relação aos livros de memórias, cartas ou diários. A autora chama a atenção para a crescente presença do suporte imagético na construção da memória individual e familiar, nos lembrando como estamos constantemente recorrendo às imagens instantâneas - como as fotografias - para dar início ao processo de rememoração de fatos ou circunstâncias já

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

vivenciadas. Dessa maneira, ela afirma que esse recurso está presente orientando o processo de rememoração, reconstrução e veiculação da memória.

De acordo com Kossoy (1998) todo o conteúdo de uma foto guarda experiências de vida de um determinado momento e/ou situação significativos. Fotografias registram lembranças imutáveis de determinadas circunstâncias, de momentos vividos que são irreversíveis. Tais momentos são animados por sensações e emoções.No entanto, estas não podem ser reveladas pela imagem fotográfica que, por sua vez, pode revelar, somente, um mundo físico e visível – "primeira realidade" – ou um detalhe da vida que se pretende mostrar. Contudo, essa característica aparentemente gélida da fotografia, que poderia manter longínquo um momento registrado, torna-se também condição de possibilidade para se retomar aquela história particular, restaurando-a no momento presente, trazendo à tona sensações e emoções carregadas de significados, deixando de ser apenas uma referência e "reassumindo a sua condição anterior de existência" (p. 45). Conteúdos imaginários, que auxiliam na restauração da situação que não pode mais voltar, são denominados pelo autor como "realidade interior", isto é, as representações invisíveis que não são captadas pela câmara fotográfica, marcadas por um contexto cultural, estético e técnico.

Uma vez que a imagem fotográfica não é um recurso neutro, mas, ao contrário, carrega uma polissemia na qual encontramos um universo de significados muito diferentes que nos são transmitidos através da linguagem oral também marcada por realidades culturais diversas, Moreira Leite (1998) afirma que o estudo da prática e da significação de imagens fotográficas possibilita conhecer o comportamento coletivo e experiências vivenciadas de um momento específico. A autora propõe que, ao utilizarmos as imagens em nossos estudos, abandonemos a necessidade de representar a realidade a partir de uma perspectiva unilinear, já que a fotografia permite a entrada em um mundo imaginário que não explica a realidade, mas convida a revivê-la e recriá-la. Mas, como? Através de um leitor que fala sobre o conteúdo imagético, que é surpreendido pela imagem, estimulado por sua percepção visual, inicialmente através da sua memória espacial e da sua faculdade psíquica de associação de imagens; fornecendo, portanto, um conjunto de significados invisíveis que não são revelados sensivelmente aos seus olhos. O "texto visual" ganha vida graças ao "texto verbal":

> as imagens visuais precisam das palavras para se transmitir e, freqüentemente, a palavra inclui um valor figurativo a considerar. O desenho ou a fotografia não reproduzem abstrações. Representam um caso concreto, um fato particular, o presente. A palavra revela melhor o conhecimento subjacente na memória que, todavia, é construído por imagens fixas. Mecanismos perceptivos e cognitivos ampliam a

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> compreensão das relações entre a imagem e as diferentes formas de memória, que, pelo re-conhecimento e pela re-memoração, constroem a ponte para o texto verbal. Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores. (Moreira Leite, 1998, p. 44)

O olhar do leitor, diante de uma imagem fotográfica, é seletivo, ou seja, ele permanece indiferente a alguns aspectos visíveis da fotografia e acolhe outros que a sua percepção e sensibilidade conseguem captar no conjunto apresentado (Moreira Leite, 1993). A imagem fotográfica guarda em si características objetivas que correspondem a limites de tempo e espaço sociais, ordenados simbolicamente, que permitem ao leitor entrar em contato, examinar e transmitir um universo de significados diversos segundo os limites espaço-temporais aos quais está sujeito. Esse aspecto levantado pela historiadora oral é significativo para o nosso objetivo, uma vez que a fonte fotográfica oferece recursos e se transforma em um instrumento para analisarmos, conhecermos e compreendermos um universo físico social e elementos comuns de uma cultura, através de verbalizações diversas de leitores visuais sobre determinadas imagens.

Moreira Leite (1993) nos ajuda a compreender como se dá essa dinâmica seletiva do leitor diante da imagem fotográfica. A autora menciona que o sujeito observador tem diante de si não apenas uma composição físico-visível, mas uma estrutura espaço-temporal e um grupo de símbolos, que, em seu conjunto, despertam no leitor diversos níveis de atenção: a) uma atenção instintiva, correspondente a seus mecanismos de percepção que suscitam emoções em relação às cores, formas, expressões, evocações imediatas e linhas de perspectivas; b) uma atenção descritiva que se vincula à análise visual dos elementos que compõem a imagem fotográfica (imagens-planos, campos e massas de luzes e sombras); c) uma atenção simbólica, ligada às interpretações realizadas pelo observador acerca do conteúdo fotográfico que se insere num universo culturalmente mais vasto, colocando em evidência uma relação significativa entre o leitor e o "texto visual". Todos esses níveis de atenção tornam-se oportunos para se realizar estudos acerca do impacto diante de uma imagem. Porém, nos interessa, especialmente, um tipo de atenção que possibilita ao leitor visual elaborar sobre uma maneira particular de vivência despertada pelo impacto de um conteúdo imagético, possibilitando-nos apreender um conjunto de possibilidades de significados presentes acerca de determinados temas que são importantes para a vida pessoal e coletiva naquele determinado contexto e compreender a estrutura espaço-temporal na qual estão inseridos esses leitores.

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

von Simson (1998) atesta que, através do recurso imagético associado a relatos que chegam por meio da tradição, é possível se construir uma interpretação da imagem dentro de um contexto, podendo ser transmitida para as gerações seguintes; constituindo-se, assim, em um sistema útil de armazenamento e transmissão da memória desses signos culturais para alguns grupos sociais. A autora, com o olhar de uma cientista social, busca compreender como a cultura pode fornecer signos que constroem a memória social de um grupo e ressaltar a importância de recursos que possibilitam a transformação de fatos significativos em textos que são delegados aos descendentes, através da dinâmica de transmissão de conhecimentos que auxiliam na manutenção da memória coletiva. Dentre esses recursos, ela cita, em especial, o uso da fotografia como sendo talvez o principal "texto" que vem exercendo um papel significativo nos processos de registro e orientação da construção da memória coletiva de grupos sociais.

Segundo Moreira Leite (1998a), o uso da fotografia possibilita a recomposição da memória, uma vez que sugere um "estado visível", no qual se encontra registrado um instante irreversível, que nos chega através dos olhos, trazendo à tona sinais e indícios de fenômenos invisíveis, de "confidências involuntárias", que outrora sucumbiriam ao desaparecimento da imagem pelo esquecimento. Dessa forma, a historiadora afirma que: "O tempo fotográfico recompõe o tempo da memória, alheio ao tempo cronológico. São instantes irregulares e arbitrários ligados e separados pelo esquecimento". O esquecimento impossibilitaria uma ligação com o momento presente que está salvaguardado por lembranças de sentimentos e fatos significativos.

Portanto, utilizar o processo fotográfico como metáfora, ou seja, como um recurso intermediário que possibilita exprimir o inexprimível, nos permite explicitar os vários significados atribuídos a determinados fatos registrados que atingem, de maneiras diferentes, a percepção e os sentimentos.

Tomadas como "objetos biográficos" (Bosi, 1999), as fotografias servem como instrumento de registro de momentos considerados significativos. Através delas ficam guardadas emoções, um momento singular da vida, uma parte da história. Permitem que esses momentos sejam não apenas resguardados, mas tenham também valor documental, confirmativo. Passam a ser fonte de descobertas dentro de uma perspectiva visual. Tornam-se objetos que ultrapassam os limites das gerações e que nos provocam a conhecer, examinar, imaginar, entrar em contato com momentos passados, reviver aventuras. Assim, as fotos, como "objetos biográficos", envelhecem com o seu possuidor e se incorporam à sua vida, porque representam uma experiência vivida.

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

É nesta perspectiva que nos interessa a fonte fotográfica: como expressão e revelação do vivido, como instrumento de memória que expressa um valor do qual não se quer desfazer, um valor inestimável, que traz para a vida presente a lembrança de alguém significativo, uma vivência particular, um lugar dentro da história, que poderia ter desaparecido. Sendo assim, interessou-nos ressaltar a fonte fotográfica como "símbolos intermediários da investigação etnográfica" (Bittencourt, 1998, p. 208), que suscitam processos imagéticos, ou seja, posturas reflexivas diante da imagem que facilitam elaborações nas quais pudemos explicitar as conexões de sentidos atribuídos a detalhes diversos, de uma ou mais fotografias pelos leitores visuais.

Sobre a memória coletiva

Halbwachs (1990; cf. Bosi, 1999; Mahfoud, 1996; Schmidt e Mahfoud, 1993) nos ajuda a entender que o trabalho de memória é essencialmente de elaboração da experiência, a partir de reconhecimento e reconstrução da lembrança, com vitalidade. Segundo o autor, vivemos dentro de quadros sociais, portanto nossas lembranças são retomadas a partir dessa referência coletiva, a partir de um grupo com o qual compartilhamos uma visão de mundo, cuja permanência de um vínculo afetivo permite atualizarmos uma identificação com a comunidade de referência, esteja esta presente ou ausente, e nos compreendermos numa perspectiva histórico-social.

Porém, essa dinâmica da memória acontece no contato com a realidade presente, uma vez que utilizamos os recursos de conhecimentos acumulados para lidar com situações novas, que se encontram unidos às nossas lembranças que, por sua vez, estão associadas a maneira de pensar de tantos outros que fizeram e fazem parte da nossa história; evidenciando um mundo em comum. O passado, assim, define o olhar para o presente através do que Halbwachs denominou "confronto de testemunhos" – as influências desses grupos de referência em um conjunto de preocupações no presente – afirmando significados que, de alguma maneira, reconstróem a lembrança dentro de quadros de interesses atuais. Assim, o passado é constantemente reconstruído dentro de um processo de re-vivificação do evento lembrado e re-significação do conteúdo recordado.

Assim, a memória consiste em duas atividades principais: reconhecimento e reconstrução; que nos possibilitam atualizar e re-significar as vivências passadas evocadas, tendo como referência o grupo de pertença através do qual compartilhamos uma visão em comum, utilizando-as como um auxílio na compreensão de nosso modo de viver atual. O trabalho de reconhecimento nos conduz ao "sentimento do já visto" e o trabalho de reconstrução consiste na recuperação de determinadas vivências passadas

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

reconduzindo-as a um contexto específico de tempo, espaço e relações sociais bem definidos.

As maneiras como as lembranças são evocadas diferenciam-se pelas divisões de tempo e de espaço, categorias estruturantes da memória: as divisões do tempo, singulares para cada grupo, auxiliam na distinção em épocas para que o conteúdo recordado possa ser examinado, oferecendo uma idéia de mudança; o espaço já sugere uma imagem de estabilidade e de permanência.

De acordo com Halbwachs a memória, portanto, é sempre coletiva.

Por fim, o trabalho da memória possibilita um fio de continuidade imediato entre passado e presente, restaurando a unidade original de fatores que significaram algum tipo de ruptura.

Para Halbwachs a memória coletiva tem um papel fundamental nos eventos históricos: dando vitalidade a objetos culturais, valorizando momentos históricos significativos e resguardando a herança do passado para os grupos sociais, que, com o tempo, poderia se tornar desconhecido ou segmentado.

Sobre o método fenomenológico

Amatuzzi (1996, 2001, 2001a) teoriza sobre o método fenomenológico que nos interessa, como "estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado".

A dinâmica do conhecimento, segundo van der Leeuw (1970), se dá através da descrição e compreensão da experiência mesma. Assim, partir da experiência vivida como "uma vida presente que, segundo o seu significado, forma unidade" (van der Leeuw, 1970, p. 530), possibilita ao pesquisador apreender o significado que está presente na interpretação dada pelo sujeito da experiência. Ele realiza um recorte que organiza a realidade segundo o sentido que lhe é atribuído, possibilitando uma apreensão dessa realidade que se apresentaria de maneira caótica. Ao fazê-lo, elege certos aspectos, delimitando o objeto e definindo a experiência. Forma-se, assim, a "estrutura", constituindo-se uma unidade da experiência. Esta pode ser reconhecida a partir das conexões de sentido estabelecidas. Algo de essencial, de próprio do objeto é apreendido e comunicado à medida que a consciência se volta para contemplá-lo, permitindo uma maior compreensão do que o objeto é, emergindo o sentido. Ao descrevê-lo evidencia o significado. Através da descrição da própria experiência o sujeito vai formulando-a e reconstruindo-a.

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Os passos metodológicos para falarmos daquilo que se mostra a nós, pesquisadores, são enumerados por van der Leeuw (1970) da seguinte maneira:

1) Nomeação: esta delimita o fenômeno e dá a forma de nosso relacionamento com ele. Dar o nome faz parte da definição do próprio objeto; para isso é importante que a nomeação seja uma expressão do vivido.

2) Inserção: a interpretação do sentido acontece quando o vivido torna-se compartilhado, experimentado e compreendido pelo pesquisador. Assim, o sentido vai se evidenciando à medida que o observador se coloca em uníssono com a perspectiva do outro.

3) Inserção entre parênteses: compreender cada vez mais o significado que está sendo atribuído à experiência vivida com o cuidado de suspender, por ora, os próprios pré-julgamentos que se inserem no processo de conhecimento, que impediriam aprofundar a experiência de conhecer o objeto assim como se manifesta.

4) Elucidação: apreendendo as conexões de sentido, definem-se categorias que vão sendo agrupadas e incorporadas, segundo as suas semelhanças e diferenças, em um conjunto mais amplo.

5) Compreensão: existe algo do objeto que está sendo comunicado; e nos debruçamos sobre o objeto com um olhar compreensivo.

6) Retificação Contínua: preocupação em estar sempre examinando e confrontando com o conjunto dos dados a interpretação realizada acerca da experiência vivida.

7) Reconstrução: a apreensão do sentido com o qual o vivido se apresenta é alcançada através de uma segunda experiência vivida, que passa por uma reconstrução por parte do pesquisador. A Fenomenologia, assim, pretende testemunhar o que está sendo mostrado.

O encontro com os depoimentos

Através da avaliação fenomenológica dos depoimentos apreendemos um campo de possibilidades de significados elaborados pelos sujeitos naquele contexto cultural específico. Foram selecionados trechos de entrevistas realizadas com 43 moradores, entre adultos e crianças, cuja idade variava entre 7 e 80 anos, que se relacionavam a impressões referentes a 21 fotos. Durante a análise foram identificadas as seguintes modalidades de elaboração da experiência realizada pelos observadores das fotos sobre a própria comunidade, que indicam estruturas da experiência:

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Apreciações: descrição do sentido da exposição (para si e para a comunidade local) e avaliação crítica de certas fotos;

Elaboração da experiência com referência coletiva: baseada na apreensão de alguma vivência coletiva, reconhecida como típica ou recorrente em Morro Vermelho;

Elaboração da experiência com referência pessoal: baseada em eventos pessoais próprios ou de quem foi fotografado.

Sobre as experiências: modalidades de elaboração da experiência

a) Apreciações:

Ao descreverem as experiências a que as fotos os remetiam, fica evidente que o impacto provocado pelas imagens os colocavam em uma posição de quem não apenas assistia, mas de quem reconhecia que aquela exposição se referia realmente a eles, às suas características comunitárias, à sua história. Isso se deu independentemente de os sujeitos estarem figurados ou não na foto comentada. Assim, a dinâmica de observar e comentar as fotos tomava grande vitalidade associada a uma elaboração muito crítica em relação à exposição.

Algumas apreciações eram realizadas no sentido de enfatizar a estética da foto:

> Bom, eu gostei dessa. Ah, eu achei ela muito bonita. E também retrata a imagem de Nossa Senhora de Nazareth. Ela ficou muito bonita nessa foto.
> *(Cláudio)*
>
> Aquela Santa. Por causa que é bonita. Tava no escuro mas o rosto dela ficou bonito, claro.
> *(Antônio – 38 anos)*

Vide foto 01

O impacto diante da foto leva à imaginação. A imagem também ganha um movimento segundo a experiência de sagrado que vai se refazendo ali, ao olhar para aquela foto: "mas parece que tão nos céu, subindo aos céus mesmo". A perfeição da foto é mostrar tudo e a memória leva a viver aquele momento de admiração da foto com um significado atual e original.

> Eu achei linda essa daqui. Achei ela maravilhosa! Esse aqui, ó, achei lindo. Achei essa muito mesmo. São José de Botas chegando ali na procissão. Olha pr'ocê ver: a perfeição. É o que compensa aqui, que vê tudo. Ó, é assim: parece que tá vivendo aquele momento, olha pro'cê ver, - 'cê que assistiu, num é? - eu achei super lindo; a fumaça. Deu uma impressão de nuvem, deu uma impressão, assim, de tá subindo aos céus. Eu

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> achei lindo, eu achei maravilhoso. Olha pr'ocê ver as nuvens tão parecendo que são anjos. Aqui olha. É a parte clara, parece que são anjos ali. Mas parece que tão nos céu, subindo aos céus mesmo. Anjos no céu. Achei lindo.
> *(Maria do Carmo)*

Vide foto 02

Para alguns moradores, a exposição estava relacionada ao dinamismo próprio das tradições já mantidas há tantos anos em Morro Vermelho; mantê-las é uma questão de sobrevivência para continuarem vivendo em comunidade, em todos os sentidos: financeiro, cultural, social, pessoal. Assim, a fidelidade com a qual o conteúdo das fotos retratava o que são, era um aspecto importante para que a exposição realmente fizesse sentido para eles, contribuísse para a manutenção das tradições de Morro Vermelho; era tido como reflexo de um trabalho feito com cuidado, que valorizava aspectos expressivos da comunidade.

> Ah, todas ficaram muito boas, num tem nem por onde escolher. O conteúdo de todas elas tão muito forte, tão mostrando tudo que tem pra mostrar mesmo e num tá saindo fora.
> *(Charles – 16 anos)*

> Acho que é importante. Mostra o trabalho que eles tá fazendo e a união do povo também. É importante pras pessoas que num tem fé, que num acredita em Jesus, Maria e que num tem fé nisso aqui que acontece. Tá certo, por isso.
> *(José Roberto – 15 anos)*

> Eu achei interessante, achei muito bonitas. Não sei se é porque tava assim muito espontâneo. Acho que foi uma coisa que pegou o que o povo realmente tava fazendo. Num foi uma coisa feita pra tirar o retrato. Valoriza as coisas do lugar. Aqui no Morro é um lugar muito pequeno. Eu acho muita valorização.
> (...)
> Mas eu achei legal o trabalho deles. Esse trabalho eles usaram muita atenção, sabe? O tempo todo. Um trabalho prolongado. Eu gostei. O trabalho deles foi muito completo. Eles pegaram de tudo.
> *(Matildes – 27 anos)*

> Ah, achei muito bonitas. Retratando a verdadeira história de Morro Vermelho: as procissões, o pessoal. Gostei muito das crianças, gostei muito! Tem fotos muito bonitas, muito bem tiradas. É o retrato, né Miguel? É a nossa história! Eu achei.
> *(Maria do Carmo)*

> Essa é normal; uma pessoa normal num tá sendo avisada que foi tirar a foto dela. Foi natural. Aí, no final, o trabalho ficou bonito. Ficou lindo mesmo! Acho que a

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> Kika fez a gente até engrandecer o Morro Vermelho com essa exposição de novidade!
> *(Paulo)*

Acentuar que alguns aspectos não estavam sendo retratados ou que certa foto deveria ter sido tirada de outra maneira, dar sugestões sobre o que não estava sendo exposto corretamente foi uma maneira de conseguirem afirmar o que, de fato, é Morro Vermelho, de enfatizar o dinamismo da tradição.

> Nossa, mas tá uma maravilha! Só acho que devia de ser assim: pra gente não, que a gente conhece os nomes, por que no futuro as crianças que vão nascer, que vem, tinha que ter uma identificação. A primeira coisa que fui chegando e vendo, que eu reparei foi isto. Porque nós conhecemos, num é surpreendente. E as pessoas? Num é? Quem é quem. (Ri) Igual os nomes, principalmente os da cavalhada. Que nem eu tô vendo os quadros com... aquele ali. Hoje sabemos quem é quem, mas amanhã? O futuro que vem, nós lá vamos, não é? Faz parte da cultura produzir a do amanhã. (...) É, devia de ter pegado assim de baixo pra cima, por que Ele é muito lindo; Ele parece uma pessoa, sem igual, sem tirar e sem por. É uma foto maravilhosa, aqui. Se tirasse assim de baixo pra cima pegando um todo; já foi tirado aqui [apontando para uma foto] mas faltou a coroa lá em cima, faltou o visual completo da cruz como tá ali, de em baixo pra cima, uma lá e outra cá, mais virtuosa, por que ali só tá uma parte. Num pegou a coroa, a cruz não pegou. Num dá pra pegar a ponta da cruz, mas dá pra pegar ela quase toda. Muito bonito.
> *(José Evangelista – 45 anos)*

Vide fotos 03 e 04

Mostrando o que tinha que mostrar, a exposição suscitava expectativas. Eles esperavam pela exposição e traziam consigo o desejo de que aquele momento despertasse nos visitantes e moradores a curiosidade por Morro Vermelho.

> Eu falei que a coisa interessante é pra mostrar pra todo mundo, todo mundo vê, pras pessoas ter um pouco mais de curiosidade, sentir um pouco de fé por aquilo que é onde nós mora, onde nós vive. Então achei assim, muito importante.
> *(Marinês – 33 anos)*

> Depois que ele falou comigo que ele ia pôr as fotos aí. Mas assim que chegasse os dias eu envinha zunindo.
> *(Cecília – 74 anos)*

> Eu tô gostando, eu não sabia tanta coisa igual eu vi agora não! É a primeira vez. Já conhecia no tempo em que eu era mais nova, mas agora esse é novo.
> *(Laura – 73 anos)*

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

A exposição, assim, tornou-se uma possibilidade de divulgar o que eles têm de mais precioso, que são os aspectos culturais e históricos que ficaram preservados na memória e que vêm sendo transmitidos através da tradição oral, de geração em geração, ou como eles mesmos dizem: "vem passando de pai pra filho".

> Eu achei um trabalho muito bem feito. Importante pra Morro Vermelho, divulga. É a história de Morro Vermelho! Então eu acho muito importante.
> *(Sílvio)*

> Passa informação pras pessoas. Sem dúvida nenhuma, passa muita coisa. Não tanto como pra gente que já é daqui da comunidade, como pras pessoas lá de fora também, que vêm e conhecem um novo tipo de cultura.
> *(Charles – 16 anos)*

> Ah, pra eu, aqui é histórico. Pr'os visitante principalmente, que a gente num tem muita novidade que a gente já mora aqui, mas principalmente pro's visitante, que é uma coisa ótima. Traz muita força para o nosso lugar.
> *(Dagma – 24 anos)*

Mas para alguns moradores, mais do que divulgar, essa exposição ficaria marcada para posteridade, para os filhos, para a próxima geração, como um instrumento de memória que os ajudaria a olhar mais para a própria realidade, que os faria se admirarem de sua origem, do que são, ao mesmo tempo em que aguçaria a própria curiosidade pela história da qual fazem parte. A exposição tornava-se um acontecimento que iria ficar marcado na memória, na história de Morro Vermelho, tendo um valor documental, oficial.

> Aquelas dá saudade e essas também vai dá também, uai. (Ri) Daqui uns anos, ah, num é mesmo? Vai ou num vai? Dá, uai. A missa cantada em latim também, as novenas cantada e tudo, a procissão do Nosso Senhor dos Passos; igual 'cês tá vendo ali na porta, é uma recordação, daqui uns anos, pra esses novatos que envém. Esses novatos que envém, aí já tem essas. Nós já era e os novatos envém, num é mesmo?
> *(Laura – 73 anos)*

Vide foto 04

> Eu que trabalho aqui, principalmente na festa de oito de setembro, vai ficar carimbado os acontecido aqui no Morro. Aí vai ficar oficial mesmo, carimbado. Porque é documento mesmo que vai tá. Mais ninguém vai poder falar mais o que teve, o quê que houve, foi aqui, foi ali. Carimbar ela, acabou, é oficial. Quando eu morrer eles vão lembrar disso aqui.
> *(Nildo)*

> Muito interessante. É porque vai ficar marcado prá nós. Vai ficar marcado. E vai ficar conhecido também. Vem

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> muita gente de fora que vai saber o quê que é. Depois que o Miguel veio prá cá, aí a gente ficou mais assim: "Nó, Morro Vermelho!"
> *(Cláudio – 22 anos)*

Um outro aspecto citado sobre a importância da exposição foi a possibilidade de conhecer mais os ambientes aos quais não se tinha acesso, de apreender e acompanhar mais de perto a qualidade da relação estabelecida nesses locais.

> Aqui, aqui na escolinha. Essas. Tem várias fotos que chama atenção da gente. As fotos assim que mostrou, bem assim, igual essas filmagens que mostrou as crianças. Chamou assim muita atenção o jeito delas, a professora cá no cantinho assim, ó. O carinho que elas tem com ela lá, com as crianças. É, o carinho que elas tem com a criança, atenção. Ajudou muito as crianças. É mesmo pra gente poder ver um pouco mais de perto. É porque a gente sabe que eles tão na sala de aula, eles tão lá, aprendendo, mas a gente num sabe o jeito que elas ficam com as crianças. A gente sabe que elas tão ensinando. Mas aí tá mostrando o jeito que elas tão, o carinho que elas tão com elas, as outras fotos também; eu achei isso muito, chamou muita atenção.
> *(Marinês – 33 anos)*

Vide foto 05

No impacto com a foto em si, uma experiência que emerge também é a do estranhamento. Notem como Sudário elabora uma crítica a como ele mesmo é apresentado:

> (entrevistador) O senhor achou que o retrato saiu bem pior?
> (Sudário) Muito pior. Marmota daquela ali, ó. Ainda aqui tem outra: o meu tipo de jeito é outro. Agora, tem aquele negócio... aquele ali também é bacana. (...)
> (entrevistador) O senhor tem foto boa lá?
> (Sudário) Tenho. Depois te mostro. Mostro que tem uma que eu tô montado no cavalo. Eu, num cavalo, dia sete. Eu vou trazer do mesmo jeito. Eu achei mais feia que a minha. (...)
> (entrevistador) Parece que o senhor ficou meio revoltado com isso, não ficou?
> (Sudário) Não, não, não. Tem retrato que sai feio mesmo. Vou tirar ele dali. Ah, retrato meu! Você não viu um retrato meu.

Vide foto 06

Ao apreciar a exposição, os moradores de Morro Vermelho começaram a se identificar enquanto participantes de uma história local, inseriam-se em um processo cultural e social do qual são protagonistas, reconhecendo uma origem comum e preocupações futuras; de maneira que se evidenciam inquietações sobre a forma como estava sendo

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

representada, esteticamente, a comunidade, como aquele acontecimento se ligava à dinâmica das tradições e como poderia retratar as características locais, como esse momento se tornava provocativo para os moradores e os visitantes da cidade se darem conta da importância de Morro Vermelho e, sobretudo, como a exposição se tornava instrumento de conhecimento, crítica e aproximação da realidade do povoado.

b) Elaboração da Experiência com Referência Coletiva:

Curioso notar que, às vezes, através de uma simples pergunta desenrolava-se uma longa conversa: contavam histórias, davam exemplos, admiravam-se, emocionavam-se ao observarem as fotos; ora porque reconheciam alguém na foto, ora porque um detalhe na foto lembrava uma situação comovente, ora porque simplesmente se reconheciam dentro de um contexto, como a festa. Bastava um pequeno detalhe para que emergisse uma emoção profunda, uma história que estava guardada como marcante, uma entrega e pronto: era como se o acontecimento estivesse ocorrendo naquele instante.

Quando os moradores comentavam algo que realmente os interessava, ressaltavam elementos presentes nas fotos e um processo de rememoração de uma cena acontecida era desencadeado. Para isso utilizavam exemplos, atualizando aquela lembrança de alguma maneira, tornando-a presente dentro da realidade que a suscitava; possibilitando o seu reconhecimento e a sua reconstrução. Notem como um grupo de crianças entrevistadas comenta e revive um acidente acontecido em ocasião da festa de setembro (incêndio do andor de Nossa Senhora de Nazareth) no momento em que estão vendo as fotos referentes à cavalhada mirim e à estátua da padroeira da cidade:

> Tem um embaixador, aqui que tá aquele cachorro que eu falei.
> (...)
> Aqui a bengala (2) caiu na turma.
> (...)
> A gente na hora, queimando a roupa da gente.
>
> **Vide foto 07**
>
> *Foi nessa daqui que pegou, ó, fogo, ó.*
>
> **Vide foto 01**
>
> Foi nesta.
> (...)
> Eu tava perto d'Ela.
> (...)
> Tava perto d'Ela na hora, num foi Silvânia? Eu estava passando no caminho assim, ó, igual tá aqui; aí eles, soltou o negócio da bengala (Tosse), aí foi e bateu...
> (...)
> A cabecinha do anjo tá toda queimada. (...)

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> Aí bateu fogo nesses anjo aqui, aí o negócio que tava enfeitado de isopor pra não dá muito peso. Pegou fogo e saiu pegando fogo. Aí os menino tirou a blusa e tava balançando assim pro fogo acabar...
> (...)
> Silvinho tirou o paletó e começou a apagar e começou a queimar o paletó também. Todo mundo foi passando a mão na cabeça pensando como que ia fazer. Aí Pirreca tirou Ela do andor até quando apagasse o fogo. Aí quando apagou o fogo puseram Ela de novo, aí começou a tocar. Aí eles já falaram que era a última vez que ia andar com negócio assim que causa acidente no andor d'Ela. (...)
> Na hora eu fiquei até tremendo.

A lembrança do incêndio no andor de Nossa Senhora de Nazareth ocorreu a partir de alguns detalhes presentes nas fotos observadas pelas crianças. As fotos tornaram-se uma provocação à memória: a "bengala" na foto, que enfeita a procissão de Nossa Senhora de Nazareth, provoca a lembrança da cena do incêndio. A presença de "fogos de artifício" imediatamente é associada ao fogo do incêndio. A cena é reconstruída porque alguns elementos são reconhecidos e podem ser relatados segundo a experiência de terem vivido o momento do incêndio dentro de um contexto de tempo e espaço diferenciados. As crianças comentam as fotos da exposição, relatando a situação em que esse fato aconteceu: o momento é revivido ali com um conjunto de interesses diferentes. Aquela lembrança estrutura a memória das crianças ao afirmarem um significado: "Silvinho tirou o paletó e começou a apagar e começou a queimar o paletó também. Todo mundo foi passando a mão na cabeça pensando como que ia fazer: Aí Pirreca tirou Ela do andor até quando apagasse o fogo. Aí quando apagou o fogo puseram Ela de novo, aí começou a tocar. Aí eles já falaram que era a última vez que ia andar com negócio assim que causa acidente no andor d'Ela". No momento do incêndio, eles apreenderam uma experiência de que algo sério havia acontecido: "todos ficaram preocupados"; "eles tiraram os anjos, tiraram as flores queimadas e jogaram fora, aí a procissão continuou". Assim, é como se a situação começasse a acontecer naquele instante, como se estivessem assistindo a cena de incêndio do andor de Nossa Senhora de Nazareth. A cena ganha vitalidade, na qual fica explícita a relação afetiva que as crianças têm com a padroeira; falar desse acontecimento é falar deles: "na hora eu fiquei até tremendo"; "todo mundo ia passando a mão na cabeça pensando como que ia fazer". Elas relatam a situação a partir da lembrança de como as pessoas reagiram àquele acidente, como foi algo que provocou a todos da comunidade, como era preocupante que Nossa Senhora de Nazareth estivesse naquela situação.

Esse mesmo processo acontece em outro relato desse grupo de crianças ao comentarem a "queima do Judas" na Semana Santa, dando continuidade às conexões de sentido a partir dos jogos de artifício:

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> A carreira de bengalinha que caiu daqui, ó, da redor, da bengala ao redor. Ah, gostei foi mais disso.
> (...)
> A bengala que tava ao redor.
> (...)
> Quando eles ia estourar o Judas, eles punham o fio e ligava até o boneco.
> (...)
> Até que ficava cheio de bombas, aí quando chegava... O Judas.
> (...)
> É. Aí quando chegava a hora...
> (...)
> Na hora eles botavam o fogo e dava aquele estouro - Bum!
> (...)
> Aí eles punha fogo assim e vinha sapecando até no Judas. Aí chegava e num parava.

Vide foto 07

Nessa narração, a carreira de bengalinhas e fogos estourando são os elementos da foto que os ajudam a reviver uma outra situação: a queima do Judas. Ao lembrarem de outro momento, realizam uma conexão pela memória: "carreira de bengalinha – quando ia estourar o Judas, eles punham o fio e ligava até o boneco". E a cena novamente é contada como se aquele acontecimento estivesse se desenrolando naquele instante.

Ao se remeterem a momentos da vida comunitária, crianças e adultos realizavam uma elaboração segundo o lugar que ocupam no mundo. É enquanto crianças que elas vão descrever a própria experiência de comunidade: "o cachorro aqui andando no meio"; "Eu gostei de ver muito povo aqui", "gostei foi a dos cavalinho" (referindo-se à cavalhada mirim). O "cachorro", "o cavalo", "cavalinho", "muita gente" são elementos levantados por elas que nos dão acesso ao modo próprio das crianças perceberem e viverem a festa de Nossa Senhora de Nazareth. Assim, elas comentam:

> Bonita, tem muita gente na festa, muita gente montando cavalo, tem cavalinho, tem os meninos com as bengala andando no cavalinho, até que tem também um cachorrinho andando no meio dos cavalinho, tem até a missa que gravou no quadro, tirou retrato. Tem muito cavalo de verdade ali na foto, tem as banda ensinando a tocar.

Vide fotos 08, 09, 10, 07, 11, 12

Os adultos também descrevem a festa segundo uma maneira peculiar de vivenciar essa ocasião; valorizando e evidenciando em seus relatos alguns aspectos como a relação que a comunidade tem com as imagens e a experiência de fé nos santos, os intensos

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

momentos de convivência em comunidade, como as procissões e brincadeiras que não ocorrem mais.

> É essa aqui, ó, beijando o Nosso Senhor dos Passos. Então chamou assim muita atenção. Igual tem as lá do corredor também, as que olhavam, tá vendo? da janela? Aqui, aqui. Essa daqui: uns vieram, num acompanha a procissão, mas sempre fica na janela quando tem uma procissão; elas são assim, pessoas já de idade, elas num consegue acompanhar. Então elas ficam assim na janela. Essa aqui também foi na casa dos outros, igual esse senhor aí. E ficam outros também.
> *(Marinês – 33 anos)*

Vide fotos 13, 14, 15

> Por exemplo, tudo assim tava muito natural. Igual, por exemplo, tem lá que... eu vi, por exemplo: a fé que o povo tem com os santos, sabe? Igual tinha lá, assim, tinha até uma moça com a cabeça baixa que... Num foi coisa forçada, tava fazendo com fé mesmo! Acho que é isso. Tem um mundo de gente de fora também ali. É a dedicação que eles têm com a festa. É interessante.
> *(Matildes – 27 anos)*

Vide fotos 16, 17

> É essa diferença: tinha presente, pau-de-sebo, quer dizer, eu nunca subi não, mas tinha o pessoal que subia, punha dinheiro, o pessoal ficava vendo, o pessoal ia lá pra pegar dinheiro. Tinha isso. Tinha muita brincadeira. Hoje em dia acabou. Eles num fazem isso mais. Quer dizer, algumas coisas eles vão eliminando.
> *(Irineu – 59 anos)*

Para ambos, crianças e adultos, a descrição recebe a marca da memória pessoal e também da tradição local, e identificam que a experiência retratada na foto pertence a uma maneira de conviver que é peculiar a Morro Vermelho.

Através do recurso fotográfico, os moradores descrevem e identificam situações e personagens que estão inseridos no contexto da vida comunitária, de maneira que, ao se lembrarem de alguns conteúdos significativos, a ênfase é dada à lembrança suscitada e não, apenas, aos aspectos visíveis pela fotografia; como para Irineu que provocado pela exposição, começa a relatar experiências que não mais estão presentes em Morro Vermelho. Esse é o trabalho próprio da memória que insere e diferencia a descrição em um dado momento e em um dado local.

A diferenciação da lembrança acerca de um evento significativo ocorre pela sua localização em um quadro de referências espaço-temporal; como verificamos no relato de crianças que se surpreendem retratadas no ambiente da escola:

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> *Ó eu aqui na escola.*
> Na terceira serie que nós tava estudando.
> Aqui eu.
> *Lá na terceira série.*
> Foi aqui que tirou nosso retrato, ó eu aqui.
> (...)
> *Eu tava aqui, ó. Aqui eu tava na escola sentada na cadeira. Aí Kika tirou meu retrato: ó eu aqui ó. Aqui é Rômulo sobrinho de Delino. Aqui nós tava sentado na cadeira e Kika tirou nosso retrato.*
> (...)
> Eu gostei assim porque tá envolvendo assim com nós.
> É que tá muito junta.

Vide fotos 18, 19 e 20

Ao lembrar do momento em que eram fotografadas, essas crianças fazem um recorte da própria experiência, para ilustrar melhor o que estava acontecendo ali. Localizam a experiência em uma época - "na terceira série que nós tava estudando" -, de forma que possam examinar melhor a lembrança evocada. O espaço-escola torna-se referência estruturadora da lembrança. Através do contexto escola identificado na foto, essas crianças relembram o acontecimento - "aí Kika tirou meu retrato". São trechos que fazem referência a vivência coletiva, uma vez que retomam o local, o amigo, a forma como estavam sentados, para falar da situação - "tirou meu retrato". Elas retomam o quadro de referência do acontecimento - "eu tava na escola sentada na cadeira", "aqui é Rômulo, sobrinho de Delino" -, para falarem da vivência que as tocou - "tirou o meu retrato". O componente afetivo, ou seja, estarem ligados afetivamente àquele grupo de referência ao qual pertencem – de amigos da escola, daquele grupo com o qual compartilham uma visão de mundo – deu consistência e vitalidade às lembranças.

Organizando melhor esse recorte, situando e examinando a experiência de pertencer dentro de um quadro social, o trabalho de memória possibilita a evocação e a permanência da lembrança dentro de um quadro atual. Observem como Flávia ao afirmar um significado fundamentado no relacionamento com um grupo de crianças ("Tá juntinha") ao ver a sua foto na escola, mantém viva e presente a memória do espaço-escola e do tempo-terceira série. Flávia, ainda, possibilita-nos identificar o seu critério de seleção desse conteúdo rememorado no presente: "tá juntinha".

> Tá juntinha. Aí a gente pode lembrar quando a gente vim cá, a gente pode lembrar que aonde a gente tava estudando era na terceira série.
> *(Flávia)*

Para algumas pessoas, fazer um comentário baseado no impacto ao ver determinada foto, tornava presente a lembrança com significado original; possibilitando uma nova

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

experiência: atualização da lembrança e re-elaboração do significado atribuído. Leiamos as narrações que se seguem para, em seguida, compreendermos esses processos:

> Os fogos de artifício.
> (...)
> *A Santa saindo assim de uma escuridão pra acender, pra olhar pra todo mundo, entendeu?*
> *(entrevista com um grupo de crianças)*
>
> **Vide foto 01**
>
> É. Dá a mesma impressão. Aquele ali já tá saindo mais das fumaças. Esse aqui já tá saindo mais do escuro assim, aí vai chegando, vai iluminando.
> *(entrevista com um grupo de crianças)*
>
> **Vide fotos 02 e 01**
>
> Então assim você observa foto por foto, o carinho, o amor, mas nós pedintes que somos. A gente tá sempre pedindo. Uai, olha o semblante! Eu coloco essas flores em agradecimento e ao mesmo tempo de pedintes: "Me dê forças". Olha aí, muitos netos. Os filhos, a família que é muito grande. "Me ajuda a arredar as pedras do caminho, Jesus? Por favor. Trata aqui com dignidade, com respeito, até o topo". Bom, eu penso assim.
> *(Maria Lúcia)*
>
> **Vide foto 21**

Nesses casos, os moradores comentam a simbologia da foto. Já é uma interpretação. Não estão apenas lembrando da experiência e tornando-a presente: na procissão não se percebe que Nossa Senhora "está saindo da escuridão pra acender". Eles fazem uma experiência ao estar diante daquela representação específica na foto, o conteúdo forte ao qual estão ligados. Essa é uma percepção que ocorre ao se depararem com a simbologia própria da foto: eles fazem uma experiência que não é dada pela estátua, mas pela forma com que ela foi registrada.

Voltar-se para os aspectos que expressam a vida em comunidade de Morro Vermelho, retratados na exposição, deu aos moradores a possibilidade de uma perspectiva histórica viva, de uma visão de povo.

> Tão mostrando tudo que a comunidade tem para mostrar, que é que o povo vive aqui mais é de cultura; que é uma das únicas coisas que o povo do Morro ainda preserva, que é importante, que 'cê num vê em todo lugar porque agora ultimamente tá acabando. Então Morro Vermelho ainda consegue com força algumas coisas que traz lucro para a comunidade; por exemplo, a festa de setembro traz muita gente de fora. Então as nossas fotografias tão mostrando o que o povo tem pra mostrar: o que a gente vive aqui, porque o ano pra gente roda em festa. A gente

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> espera sempre, não pelo final do ano, mas sim pela festa do dia 08 de setembro, que é que o povo aqui geralmente roda em torno disso. Então o que a gente tem para mostrar aqui é o que a gente tem de mais ou menos tradição e as coisas que a gente conseguiu adquirir nesse tempo todo de vida que a gente ganhou passando de pessoa pra pessoa. E aí eles fala que a gente ainda tenta cultivar muita coisa. É mais ou menos isso.
> *(Charles – 16 anos)*

Eles se vêem fazendo parte de um longo processo histórico: Morro Vermelho é fruto de uma tradição viva, que eles conseguiram adquirir, "passando de pessoa pra pessoa", no curso de uma longa história.

b) Elaboração da Experiência com Referência Pessoal:

Alguns moradores manifestavam uma certa curiosidade de entender o que a pessoa estava vivendo no instante em que foi fotografada. Em outros momentos, identificavam na foto vivências pessoais marcantes e significativas que se relacionavam à própria vida; e aquela situação era revivida naquele instante.

Dessa dinâmica emergiam descrições e interpretações extremamente afetivas e significativas, como a de Antônio que ao se deparar com uma foto de seu amigo Sudário atrás de um cavalo, faz uma brincadeira:

> (Antônio) Ele tinha um cavalo que ele falava que o retrato era dele e que eu ia vender a foto do cavalo dele e ia ficar rico com o dinheiro da foto do cavalo dele. Então com esses retratos ele veio falar que ocê quem vai vender a foto dele e vai ganhar dinheiro. Ele vai ficar bravo. (...) Eu vou falar que ocê tá ganhando dinheiro à custa dele agora.

Ele não retoma apenas a cena estruturada pela memória e suscitada por elementos como "cavalo", "retrato do cavalo", mas torna presente a ligação que ele tem com o Sudário quando relembra uma situação semelhante: "ele falava que o retrato era dele e que eu ia vender a foto do cavalo dele e ia ficar rico com o dinheiro da foto do cavalo dele"; e traz essa cena para o momento presente dizendo: "Eu vou falar que ´ocê tá ganhando dinheiro a custa dele agora". Lembrar daquele fato significativo, não é algo estático, mas algo com o qual ele se relaciona com afetividade, com vivacidade no momento presente, fazendo uma brincadeira.

Ou como a descrição de Nadil que, ao olhar para a foto de Benvinda, se emocionou com a sua concentração olhando para a vela e imediatamente aquele detalhe a remeteu a uma experiência semelhante, que era a sua primeira comunhão:

> Falando sério, gostei daquela de Benvinda ali, viu Miguel? É muito bonita aquela toda. Parece que ela tá

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> tão concentrada. Ah, num tem como explicar não. Parece que ela tá tão concentrada no jeito que ela tá olhando assim pra vela. Igual assim: aquela vela fez eu lembrar muito a minha primeira comunhão. Deve ser porque é a primeira vez que eu tomei a eucaristia. Aí dá pra gente lembrar muito.
> *(Nadil)*

Vide foto 16

Observem como no relato de Laura, enquanto examina a foto referente à Procissão de Nosso Senhor dos Passos, imediatamente faz menção à sua participação nos diversos momentos daquela celebração através do gesto de cantar junto com outras pessoas, trazendo para a sua narração uma descrição de como em geral acontece:

> É por que nós fazemos parte no dia da Procissão dos Passos, sai do Rosário. Então nós fizemos uma parte. É as cantoras com os músico tocando; aí, deve ser na hora depois que nós tava cantando que Senhor dos Passos chegou no Rosário e a gente faz adoração lá. E no dia da Procissão do Encontro, nós cantamos também, na hora que Ele vai sair do Rosário. Nós cantamos em latim lá também: o moteto todo, de passo em passo vem cantando, sabe?
> *(Laura – 73 anos)*

Vide fotos 22 e 04

As lembranças guardadas na memória - de terem cantado juntos em latim, de que fizeram adoração, dos passos da procissão -, ajudam Laura a se voltar para aquela foto com interesse; acentuam os vários momentos e a modalidade com a qual faz parte ativa.

O outro presente na foto, o amigo, os parentes, certas crianças, os festeiros, provocava o reconhecimento de si próprio, acrescido da surpresa de algo novo que emergia sobre si:

> Ah, a foto de Nosso Senhor dos Passos ficou muito bonita! Ficou linda! Num sei se é porque eu sou festeiro direto, entendeu? Num sei se é porque eu também tenho muita fé! Ficou uma maravilha, num ficou?
> *(José Evangelista – 45 anos)*

Vide foto 03

> Eu gostei das crianças, porque afinal de contas é minha escola, né Miguel? Ah, porque são os alunos da gente. É diferente, né Miguel? Que eles... é seu trabalho, sua vida ali na escola, então eu adorei. Então, olha pr'ocê ver, como que são alegres; eles adoram tirar retrato. São alegres, felizes. Retrata o que a gente vive lá com eles. É muito bonito.
> *(Maria do Carmo)*

Vide fotos 18 e 20

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

No relato de Maria do Carmo, lembrar da escola é lembrar da convivência com os alunos. A presença dos alunos nas fotos faz com que ela resgate o relacionamento que tem no seu dia-a-dia com eles. Ela identifica na foto a experiência pessoal com eles, marcada por um conteúdo afetivo - "são alegres, felizes" -, pela surpresa - "olha pr'ocê ver, como que são alegres" -, mas o ponto de referência continua sendo a convivência - "é seu trabalho, sua vida ali na escola", "retrata o que a gente vive lá com eles". A cena resgatada pelo trabalho de memória toma consistência pelo fato de o sentimento ser uma provocação para lembrar da importância do trabalho, da própria presença na escola, da vida das crianças e da convivência dela com os alunos.

A surpresa de reconhecer a si mesmo ou um outro nas fotos, possibilitava que os moradores resgatassem a ligação viva com o momento retratado:

> Olha pr'ocê ver, tá todo mundo tão à vontade, olha. Todo mundo de olho fechado (Ri). Eu não. (Ri)
> Kika me pegou de surpresa com essa! Eu num esperava; tanto é que eu botei o dedo porque ela fez de conta que ia tirar. Olha pr'ocê ver... Ah, não! É que eu num esperava de ter mesmo. Eu num esperava...
> *(Matildes – 27 anos)*

Vide foto 05

> (Zé Pirreca) Tem umas engraçadas. Aquela de Zé Costa ali no coisa. Essa aqui. Essa, que coisa. Kika achou que ele tava rezando, mas ele tava dormindo. (Ri)
> (Cláudio) Acho qu'ela tava fotografando a menina. Acho que ela fotografou mais a menina, aí pegou ele.
> (Zé Pirreca) Mas será que foi a menina que ela...?
> (Cláudio) Essa aí, pra mim, ele tava dormindo (Ri), eu já falei com ele que ele tava dormindo (Ri).

Vide foto 23

Na tentativa de intuir o que estava acontecendo, Zé Pirreca e Cláudio, que olhavam para a foto identificando Zé Costa de cabeça abaixada, começavam a interpretar o que estava acontecendo ali: a situação tornou-se engraçada, uma brincadeira, porque tinham presente o relacionamento entre eles e Zé Costa, que foi suscitado ao vê-lo na foto.

Em alguns depoimentos, fica evidente que a pessoa não apenas se emocionava ao identificar um personagem significativo para si ou para a comunidade nas fotos, mas era como se estivesse diante dele naquele instante:

> Me emocionou demais a de Tia Lica. A humildade e o carinho, respeito. O senhor vê que ela tá com tanta fé. Presta atenção no semblante dela: o semblante dela tá falando por mim, dispensa comentários, dispensa. A pessoa que tem sensibilidade, ela percebe, certo? É como essa aqui, ó, outra também que me chamou

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

atenção! Ela tá pedindo, ela tá agradecendo, olha bem o semblante dessa pessoa. Que exemplo de fé, que exemplo de fé. É muito difícil você encontrar. Eu observo isso aqui em Morro Vermelho.
(Maria Lúcia – 63 anos)

Vide fotos 13 e 03

Essa assim do Biló, essa aqui ficou muito boa. Ele tá sempre mexendo, tá sempre lembrando dessas coisas que ele mexe aí. Esse carinho que ele coisa, a dedicação que ele tem. Essas coisas. Cada um tinha que levar essa coroa aí, a gente acredita que Ele... por exemplo: eu num tenho dor de cabeça, eu nunca senti dor de cabeça assim de por saúde, coisa de saúde não; minha dor de cabeça é de ressaca. Eu acredito que é por causa dessa coroa e a cabeleira que eu ponho na cabeça na hora dessa coisa.
(Zé Pirreca)

Eu acho interessante que é como se Biló tivesse coroando Jesus mesmo. Interessante. Ele olhando pra Ele, igual o Zé Pirreca falou, o carinho que ele tem com a imagem. Pra ele a imagem é como se fosse de verdade mesmo.
(Cláudio)

(Isabel – 63 anos) É com carinho, é com uma fé, uma confiança! Olha o semblante dele: tá como se tivesse cuidando de um amigo, um pai.
(Eduardo) Isso é hereditário, o pai dele que fazia isso.

Vide foto 24

Ele sabe. Então assim, eu já tentei me entrosar em Belo Horizonte, nas igrejas, já enfeitei andores, mas não adianta, nem os próprios padres, eu acho que eles sente inseguros diante da comunidade, eles num fazem, num tem aquela troca de energias. Não sei, não consigo. É aqui que eu me sinto assim.
(Isabel – 63 anos)

Aqui, eu acho que pra mim mostrou, num sei se ela é a pessoa mais velha do Morro hoje, é a mais velha? É. Olha pr'ocê ver, eu achei engraçado assim: a fé dela, olha. Eu senti fé nisso aqui, olha: os meninos tão pequenininhos, a diferença de idades e quando que isso aqui me pareceu uma coisa antiga. Pelo fato dela tá aqui, olha. É uma coisa que hoje, por exemplo, os meninos carregam, entendeu? Uma coisa de muito tempo, olha pr'ocê ver. (Silêncio) Mas olha com'é que tia Lica tá tão cheia de... Eu num sei se é porque essa mulher é educada demais, é muito fina... Todo mundo gosta demais dela, olha pr'ocê ver. É maravilhosa!
(Matildes – 27 anos)

Vide foto 13

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Em alguns momentos, os leitores das fotos não apenas reconheciam um personagem significativo, como também começavam a interpretar a vivência daquela pessoa retratada e, sobretudo, se identificavam com aquela experiência, trazendo para o seu relato uma experiência própria e semelhante. Faziam a experiência de começar a ver como o personagem estaria vendo.

> Mexeu demais comigo. Ela tá oferecendo a Cristo. 'Cê veio trazendo umas flores e oferecendo Ele. Talvez assim, mulher sofrida que é a minha cunhada. Eu sei, eu posso falar das dores, das aflições. E tá pondo na mão de Cristo, nos pés de Cristo pra que Ele também dê ela força; no meu modo de entender é que a maioria tá pedindo forças. Ah, eu choro, eu converso, eu recebo tanto, gente, que 'cês não podem nem imaginar! Não tem jeito! Então eu interpreto assim, da maneira que eu sinto as pessoas também, porque eu conheço assim o caminhar de cada um. É, fui nascida e criada aqui. Minha mãe com muita luta, mas muito respeito, ela falava assim: vai ali no Afrânio, Afrânio é tio dela, compra um pedacinho de fita pra nós colocarmos - num é com essas palavras - pra gente colocar em São Tomás, pra que Ele ajude que chegue alguma coisa pra gente comer [chora]. Eu tô te falando de fé, porque eu tenho testemunho vivo. Aí a gente ia lá no tio dela, que é a venda ali onde é Zezito, comprava um pedacinho de fita, às vezes fiado, porque num tinha dinheiro pra comprar aquele pedacinho de fita. Ela amarrava e fazia o pedido. Daí a pouco um dos entiados chegava com uma cuia – conhece? O que que é cuia? - com umas batatas ou com o pedaço de toucinho, ou um pedaço de carne, pra saciar nossa necessidade, porque ela ficou viúva com um monte de filhos, só um de maior. Mas 'cê calcula, sem INSS? Hoje com o salário que são cobrados, mas nós não tínhamos onde bater, nem como bater. E num pedia também não. Então chegava um entiado: "Comadre Amélia [olha o respeito: "comadre Amélia!"], aqui, eu trouxe pra senhora; matei um porquinho, aqui, vim trazer pra senhora". Então como que a fé remove montanha! Eu tenho exemplos muitos sérios. Dá pra conversarmos num sei quantos dias sobre a fé. (Ri) Por isso que nosso Morro Vermelho é gostoso assim. Ah, de tanta coisa que a gente passou, a gente tem tanto amor. A fé. Senhora de Nazareth dá pra gente tanto durante o ano. Mas é demais! É gostoso demais! Ajudou a criar os filhos, tá a turminha toda aí, ó. Isso que é bom demais! (Ri).
> *(Maria Lúcia – 63 anos)*

Vide foto 25

Maria Lúcia apreende que a experiência daquela pessoa na foto é de entrega a Cristo, porque ela tem um testemunho vivo na sua vida do que é entregar um pedido e esperar pela resposta que sempre vinha. Na história que ela narra, cheia de sofrimentos e

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

dificuldades, ver sua mãe enfrentar essa situação com fé, lhe possibilitava ter esperanças diante das circunstâncias de infortúnios, pois tinha o "testemunho vivo": "Então como que a fé remove montanha! Eu tenho exemplos muitos sérios". Ela ainda compreende que essa é uma experiência de todos e para todos, porque tem uma referência do que seja fé que não é só individual, mas coletiva; e, então, Maria Lúcia pode comparar e identificar essa postura em outras pessoas e também como sendo própria de Morro Vermelho.

Notem, também, como Cláudio, ao observar as fotos em que Biló está colocando a coroa em Jesus e a que há um detalhe de uma mão humana segurando na mão de Nosso Senhor dos Passos, fica provocado pela maneira como se toca na estátua, ou como Biló olha para o rosto do Crucificado, apreendendo da seguinte forma: "como se Cristo estivesse ali".

> Também achei a foto bonita, uma maneira que a pessoa tá tocando ali na mão de Jesus Cristo. Tá dando pra ver que tá tocando mesmo, com fé. Como aquela outra foto, como se tivesse ali mesmo, como se tivesse pegando a mão de Jesus Cristo, por isso que eu achei interessante. Essa aqui também: a maneira que a pessoa toca, você percebe, como se ele tivesse tocando, como se Jesus tivesse ali. Através do rosto da pessoa a gente vê.
> *(Cláudio)*

Vide fotos 26, 03 e 27

Cláudio ao relatar sobre uma intuição acerca de uma experiência que Biló estaria realizando ou sobre uma certa maneira de tocar em uma estátua sagrada, confere uma vitalidade àquelas fotografias, torna presente não apenas uma descrição fotográfica, mas um testemunho da fé dessas pessoas, de uma certa forma de relacionamento, vivo, com as imagens: "Essa aqui também: a maneira que a pessoa toca, você percebe, como se ele tivesse tocando, como se Jesus tivesse ali".

Deixar-se impactar pelo conteúdo da foto, perguntar-se pelo que interessava foi o que Matildes relatou ao se deparar com a foto das mãos:

> Aquela lá daquela mão, eu achei linda. Eu queria até descobrir quem que é o dono daquela mão que tá segurando a mão do Nosso Senhor dos Passos. Eu achei assim que ela tava pedindo tanta proteção. Me deu essa impressão.
> Quem que é o dono daquela mão, Miguel? Por que só tirou da mão mesmo ou foi cortada a mão?
> Eu achei maravilhoso. Eu fiquei pensando, eu falei: gente, de quem que é aquela mão? Porque eu achei

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> bonito, eu acho que foi a fotografia que mais mexeu comigo, foi aquela (Ri). Entendeu? Eu achei ela assim significativa. É, eu achei. Achei que aquilo ali foi assim: um ato tão bonito. Eu achei que era um pedido de proteção mesmo.
> *(Matildes – 27 anos)*

Vide foto 26

A experiência de entrega, de pedir, faz com que ela se sinta curiosa para saber de quem é aquele gesto. É uma atitude não só de reconhecimento, como de conhecimento de si mesmo e do outro:

> Gostei muito desse. (Silêncio) Olha pr'ocê ver, Miguel: tá uma pessoa, assim, dá pra entender, pedindo uma proteção, olha. Curiosidade é saber o nome da mão. (Ri) Num é querendo saber, num é querer saber quem que é. Eu num sei, toda vez que eu faço isso aqui, olha, eu tô sempre colocando alguma coisa da minha vida nas mãos d'Ele. Eu. Então por isso que eu também senti isso, entendeu Miguel? Olha pr'ocê ver, toda vez que eu faço isso eu coloco alguma coisa da minha vida nas mãos d'Ele. Por isso que eu sempre tenho o costume de fazer isso. Por isso qu'eu acho que eu achei interessante.
> *(Matildes, 27 anos)*

Lembrar de um acontecimento marcante, ao apreender nas fotos uma experiência pessoal possibilitava aos moradores fazerem uma experiência de identificação com a vivência retratada e interpretação que leva a ressaltar aspectos da foto de maneira criativa e original.

> (Isabel, 63 anos) Puxa vida! Olha aí, tá pedindo também, pra Ele ajudar: "me ajuda a carregar a minha cruz, tá muito pesada, me dê a mão". Olh'ali, olha aqui: é um madeiro. Ele num tá debruçado não é na cruz, mas ali ele tá conversando, ele tá significando. Aí bom, eu tô interpretando assim: "me ajude que eu chegue com a minha também". Num é Eduardo?
> (Eduardo) Exatamente.
> (Isabel) Impressionante! Tá uma expressão, uma coisa assim de luzes ou você não vê assim? Olha, tá um reflexo. Eu num sei falar bonito, mas aí tem uma energia muito boa, muito pura. Aqui tem uma madeira Eduardo. Ele tá debruçado e tá pedindo: "me ajuda". Uma madeira que tá aí. Me parece que esse senhor é o pai da Leila?
> (Eduardo) Não. Tá parecendo Zé Morais, né não?
> (Isabel) Não, não é Zé Morais não, pai da Leila. É ele sim. Olha a energia dele como tá boa aqui, ó. Uma energia. Eu acho. Acho que tem uma vibração muito, apesar de ser uma pessoa muito humilde, mas assim, espiritualmente parece que tá descendo uma chama de luzes. Num sei se são flores que tem aí. É gipso. Não,

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

> mas tá mesmo, no meio dessas flores, aí tem algo de bom. Ele tá com a sinceridade muito grande. Aqui em Morro Vermelho tem muita coisa aqui: são fotos pra olhar assim o lugar. Eu vejo assim, né?
> (...)
> Tá pedindo também, pra Ele ajudar: "me ajuda a carregar a minha cruz, tá muito pesada, me dê a mão". Olh'ali, olha aqui: é um madeiro, ele num tá debruçado não é na cruz? Mas ali ele tá conversando, ele tá significando.

Vide foto 28

Ela utiliza o recurso da imaginação, fundamentando-se na memória: "Tá uma expressão, uma coisa assim de luzes". Ela sabe que aquelas luzes são flores, mas refaz a experiência de sagrado associando o madeiro à cruz e os gipsos a luzes, o que torna a imagem viva, dinâmica e significativa para o presente.

Imagem Fotográfica, Memória e Pertencimento

A exposição de fotos tornou-se um acontecimento em Morro Vermelho, que ficará guardado, "carimbado, oficial". Ao avaliarem a exposição de fotos, os sujeitos expressam-se com admiração em relação à beleza das imagens representando situações recorrentes no povoado. Nas elaborações de experiência como apreciação, identificamos dois aspectos fundamentais: a valorização por ali estar retratada a verdadeira história da comunidade e o fato de a exposição tornar-se instrumento de conhecimento das tradições locais para os que estão por vir e para os que ainda não têm contato com eles. Reconheceram que a exposição como um evento que entra na dinâmica da tradição, na dinâmica de transmissão de seu modo de ser para as próximas gerações.

Alguns detalhes significativos nas fotos desencadearam o trabalho da memória, e a descrição que se seguia trouxe uma cena passada ao presente. Através dessas elaborações ficou evidente como a memória proporciona uma continuidade entre as três instâncias temporais – passado, presente e futuro. Os sujeitos têm uma experiência unitária que lhes permite se localizarem historicamente, evidenciar a subjetividade e configurar uma identidade coletiva, ligados afetivamente a um grupo de referência. Dessa maneira, pudemos concluir que a tradição, para esses sujeitos, não é vivida como um conteúdo estático e formulado, que indica ou prescreve um determinado modo de falar, raciocinar e agir segundo uma lei de costumes, mas, ao contrário, é dentro de um relacionamento com os antepassados (presentes ou ausentes) que eles começam a aprender uma forma particular de viver a devoção à padroeira, de receber as responsabilidades na festa, de organizar esse momento. Para os moradores, aderir à essa tradição significa dar continuidade a uma história da qual são protagonistas ativos. Assim, a continuidade da festa torna-se a continuidade da história de um povo; e essa é

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

a contribuição que essas pessoas têm para oferecer às gerações seguintes e àqueles que ainda não conhecem a maneira peculiar de produzir cultura mantida por Morro Vermelho.

Enquanto observaram as fotos, lembraram, fizeram memória, conheceram mais de Morro Vermelho, dos ambientes e das festas tradicionais. E não cansavam de se maravilhar, de se surpreender, muitas vezes, com determinadas posturas dos moradores (fosse nas festas ou nas casas) reconhecidas como típicas de Morro Vermelho. Afirmá-las como significava é afirmar a própria identidade. Ficou explícito nos depoimentos a relação entre o processo da memória e o vínculo afetivo estabelecido com o grupo de pertença: estar diante de um acontecimento em Morro Vermelho era estar diante de alguém significativo com o qual se compartilhava uma determinada experiência, uma certa visão de mundo. Dessa maneira, foi possível identificar uma certa experiência do outro com a própria experiência já vivenciada em diversos momentos, reconhecendo-a como própria de Morro Vermelho. Mesmo nas lembranças mais pessoais, estava ali o orgulho de pertencer ao povo de Morro Vermelho, a gratidão por pertencer àquele povo, por ter recebido aquela tradição "dos antigos". Essa referência coletiva permitia a eles falarem de si, falando de um "nós" que inclui os contemporâneos, os antepassados e os que estão por vir, ao afirmarem o amor por Nossa Senhora de Nazareth, os relacionamentos com os amigos, a saudade por um tempo que já passou, a necessidade de que a exposição fosse um instrumento para as novas gerações conhecerem um pouco mais sobre eles. Podemos afirmar que a exposição de fotos foi introduzida pelos moradores na tradição local, uma vez que mantém a apresentação do que é ser de Morro Vermelho. É neste mesmo significado e nesta mesma dinâmica que este artigo quer se inserir, para daí dar-se a conhecer a todos.

Referências bibliográficas

Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, *13*(1), 5-10.

Amatuzzi, M. M. (2001). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. Em M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.) *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e* perspectivas. (pp. 15-22). São Paulo: Ômega Editora.

Amatuzzi, M. M. (2001a). *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Editora Alínea.

Bittencourt, L. A. (1998). Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. Em B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp. 197-212). Campinas: Papirus.

Bosi, E. (1999). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras.

Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva* (L. L. Schaffter, trad.). São Paulo: Editora Vértice. (Original publicado em 1950).

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Kossoy, B. (1998). Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. Em E. Samain (Org.) *O Fotográfico*. (pp. 41-47). São Paulo: Hucitec.

Mahfoud, M. (1996). *Folia de Reis: Festa Raiz ou Experiência religiosa em comunidades da Estação Ecológica Juréia-Itatins na perspectiva da Psicologia Social Fenomenológica*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Mahfoud, M. (1999). Encomendação das almas: mistério e mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira. Em M. Massimi & M. Mahfoud (Org.s). *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. (57-67). São Paulo: Edições Loyola.

Mahfoud, M. e Ribeiro, S. M. (1998). Construir a festa, fazer memória: emigrados atualizam sua tradição. *Cadernos de Psicologia*, 8 (1), 69-93.

Mahfoud, M. e Ribeiro, S. M. (1999). Experiência religiosa e enraizamento social: festa e devoção de emigrados em visita à comunidade rural de origem. *Videtur*, *6* (1), 65-72.

Moreira Leite, M. L. (1993). Imagens e Contextos. *Boletim do Centro de Memória – UNICAMP*, 5 (10), 45-60.

Moreira Leite, M. L. (1998). Texto visual e texto verbal. Em B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp. 37-49). Campinas: Papirus.

Moreira Leite, M. L. (1998a). As transformações da imagem fotográfica. *Revista de Antropologia*, *2*(41). Retirado em 25/02/2000 do SciELO (Scientific Eletronic Library Online) no World Wide Web: http://www.scielo.br.

Schmidt, M. L. e Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, *4* (1/2), 285-298.

van der Leeuw, G. (1970). *La religion: dans son essence et ses manifestations – phénomélogie de la religion* (Jacques Marty, Trad.). Paris: Payot. (Original publicado em 1933).

von Simson, O. R. M. (1998). Imagem e Memória. Em E. Samain (Org.) *O Fotográfico*. (pp. 21-34). São Paulo: Hucitec.

Notas

(1) "Cultura Popular e Escolar em Morro Vermelho", com o apoio da Fapemig. Participaram da pesquisa como entrevistadores: Eneida Pereira dos Santos, Fabiana Andrade Campos, Cristina d´Ávila, Simone Ribeiro, Miguel Mahfoud (coordenador da pesquisa).

(2) Tipo de fogos de artifício.

Notas sobre os autores

Renata Amaral Araújo é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. **Contato:** renata_araujo@ig.com.br.

Miguel Mahfoud é doutor em Psicologia Social, professor adjunto do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando na linha de pesquisa "Memória, cultura e subjetividade". **Contato:** Caixa Postal: 253 - CEP: 31270-901 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil. E-mail: mmahfoud@fafich.ufmg.br.

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

Fotos

foto 01

foto 02

foto 03

foto 04

foto 05

foto 06

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

foto 07

foto 08

foto 09

foto 10

foto 11

foto 12

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

foto 13

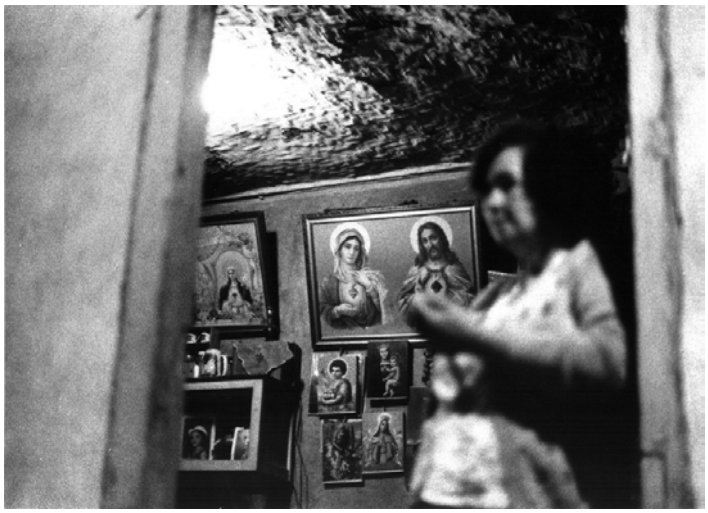

foto 14

foto 15

foto 16

foto 17

foto 18

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

foto 19

foto 20

foto 21

foto 22

foto 23

foto 24

Araújo, R.A. e Mahfoud, M. (2002) Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum, 2*, 68-102. Retirado em / / , do World Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/artigos02/araujo02.htm.

foto 25

foto 26

foto 27

foto 28

Data de recebimento: 04/04/2002

Data de aceite: 22/04/2002